

Nos últimos anos, a população de Florianópolis tem visto o nome da cidade ser divulgado, com grande frequência, em reportagens escritas ou televisionadas, na mídia nacional. Geralmente, essas notícias elogiam a paisagem natural aqui encontrada e louvam a qualidade de vida oferecida à população.

Este crescente interesse externo pela cidade e pelo seu modo de viver levanta alguns questionamentos quanto ao uso do termo "qualidade de vida". Será que o uso deste termo faz, realmente, justiça à realidade da cidade? Ou então, quem vivencia, de forma crítica, o dia-a-dia de Florianópolis concordará com a imagem de uma cidade de alta qualidade de vida?

Estas foram apenas algumas das questões encontradas no decorrer desta pesquisa. A simples escolha de um terreno e de um tema para este trabalho de conclusão de curso, com as posteriores leituras e discussões, foram responsáveis pela percepção um grande número de problemas que não são mostrados nas reportagens, mas levam a questionamentos quanto ao grau de qualidade de vida da população, principalmente na sua relação com a urbanidade e os espaços públicos.

Um dos fatores para uma boa qualidade de vida de uma população é a existência e a acessibilidade aos espaços públicos de cultura e lazer, que são espaços necessários para o ócio, a contemplação, o aprendizado, etc. A falta deste tipo de espaço é evidente em Florianópolis, tornando-se uma necessidade. E este é o motivo do tema deste trabalho ser um equipamento de caráter cultural.

O terreno escolhido para a elaboração deste trabalho é um trecho do Aterro da Baía Sul. Optou-se por esta área pelo fato de estar em uma região bastante central, de fácil acesso a todos, além de ser uma oportunidade de trabalhar com questões de revitalização urbana, reorganização de fluxos e valorização do espaço do pedestre.

Desta forma, este trabalho de conclusão de curso pretende trabalhar em cima de uma necessidade da cidade de Florianópolis, para buscar a melhoria da qualidade de vida da população com o acesso à informação e à cultura, que é um direito de todos.

O ATERRO DA BAÍA SUL HOJE

Ao se percorrer o Parque Metropolitano Francisco Dias Velho, mais conhecido como Aterro da Baía Sul, nos dias de hoje, percebe-se o espaço urbano com estranheza e incompreensão. Estes sentimentos irrompem, basicamente, da percepção das diferenças urbanas que, ainda hoje, conformam o desprezado espaço aterrado e o espaço da cidade, já incorporado ao traçado urbano tradicional.

O estranhamento e a incompreensão resultantes da observação da paisagem surgem das diferenças entre duas áreas tão próximas fisicamente, mas que se diferenciam enormemente nas formas de ocupação do território, nos tipos de fluxos, nos usos que a população faz dos espaços e nos referenciais urbanos presentes.

Outra característica marcante do Aterro da Baía Sul, atualmente, é o abandono e a aparente falta de perspectiva futura para esta área, apesar de sua localização tão privilegiada. O fato de estar localizada junto ao centro de Florianópolis não garante sua utilização nem sua ocupação, já que não há integração com as atividades que acontecem no centro da cidade. Um dos motivos para esta dificuldade de integração da cidade com o aterro é o excessivo movimento de veículos, que impede uma maior presença de pedestres.

Mas muito tempo já se passou desde a inauguração do Parque Metropolitano e há muito já se conhecem vários dos problemas aqui relatados. Assim, surge o seguinte questionamento: Conhecendo as dificuldades do lugar, e sabendo que Florianópolis possui carências de espaços de lazer para a população, porque o poder público municipal deixou o local, situado em ponto privilegiado, completamente abandonado, alcançando a situação em que se encontra hoje?

É uma pergunta ao mesmo tempo fácil e complexa para ser respondida, dependendo do ângulo de que se analisa. Mas devemos começar apontando alguns possíveis caminhos para tentar respondê-la. Um deles passa pelos órgãos municipais de planejamento, que deveriam ser responsáveis pela elaboração de um planejamento de longo prazo para todas as áreas públicas da cidade. Nesses órgãos, problemas administrativos, pressões políticas e falta de clareza nos objetivos dificultam a elaboração de um plano de trabalho de qualidade que pense o futuro dos espaços da cidade.

Assim, espaços significativos para a cidade ficam a espera de boas idéias para que possam ter seu uso legitimado pela população. Enquanto isso, na falta de um planejamento o Aterro da Baía Sul é ocupado por iniciativas isoladas, sem conexão com o terreno, com a cidade, ou mesmo umas com as outras. Toda essa falta de unidade entre as decisões dos órgãos responsáveis, cria um espaço desconexo, e as iniciativas tomadas acabam apenas enfraquecendo-o e tornando-o um espaço de ninguém.

Ainda considerando a questão do planejamento a longo prazo, deve-se criticar a falta de uma visão de futuro para o aterro. A falta desta perspectiva possibilitou que o espaço fosse transformado em um grande espaço residual, abrigando equipamentos urbanos que sofriam resistência para serem implantados em outros lugares, tais como a estação de tratamento de esgoto, o centro de eventos, o camelódromo. É uma falta de cuidado muito grande com uma área na entrada da cidade, e, ainda pior, de uma cidade que se considera um "centro turístico".

Uma das características mais marcantes deste espaço é a hegemonia dos automóveis sobre os pedestres. Isto se deve às próprias diretrizes do projeto inicial, que foi concebido como um espaço para a circulação de veículos e foi concebido para estar vinculado à construção da 2ª ponte. Ainda hoje o grande número de facilidades para a circulação de veículos permanece no local, fazendo assim com que o número de pedestres seja muito pequeno, o que contribui para a fraca e inconstante ocupação humana no local.

Além de todas essas questões já levantadas, não se pode esquecer que os aterramentos afastaram as águas da Baía Sul, fazendo com que a cidade perdesse sua histórica relação com o mar. Os primeiros aterros sanitários, feitos com objetivo de sanear e despoluir, não encontraram muita resistência na população, e assim, a linha do mar que antes fazia parte do dia-a-dia da comunidade foi para depois das autopistas. Nos dias de hoje o mar não é mais perceptível para quem frequenta o centro da cidade.

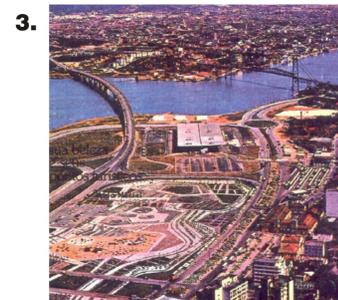
Este é um retrato atual de um projeto que nunca foi bem absorvido pela cidade, mesmo estando justaposto a ela. O projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, de 1972, está segregado do espaço da cidade e de seus usuários e os problemas se avolumam.



1. Aerofoto do Aterro da Baía Sul Sem Escala. Fonte IpuF.



2. Aerofoto do Aterro da Baía Sul Trecho da Intervenção Sem Escala. Fonte IpuF.



3. Foto do Aterro da Baía Sul recém inaugurado. Fonte: Santos, 1997.



4. Foto do Aterro da Baía Sul em 2004. Fonte: Acervo Pessoal.



5. Foto do Aterro da Baía Sul em 2004. Fonte: Acervo Pessoal.



6. Foto do Aterro da Baía Sul em 2004. Fonte: Acervo Pessoal.